

José Capela, testemunho sobre o trabalho de alunos da EAAD para a participação portuguesa na *PQ23 Student Section / RARE Stories of Unique Places*, Quadrienal de Praga 2023, em Inês de Carvalho (ed.), *HODO: The Resting Assembly* (catálogo), Lisboa: Direção Geral das Artes / APCEN (2023), pp. 28-29.

Quando considerei que xs alunxs de arquitetura teriam apetências para, em resposta à chamada da APCEN, tratarem de “espaços admiráveis”, pensei sobretudo na sua prática recorrente de observação e registo de lugares reais, como aqueles que, no âmbito dos exercícios de projeto, são designados como “local de intervenção”. Na nossa escola de arquitetura, na Universidade do Minho, sobretudo aqueles que trabalham na área do território (não é o meu caso) têm vindo a desenvolver um trabalho notável no que respeita a metodologias de análise e representação de lugares, pelo que previ que xs alunxs fossem capitalizar essa experiência nas suas respostas à chamada da APCEN. Mas enganei-me. Face ao problema de encontrar um sítio “admirável” – ou “raro”, se considerarmos o tema geral da PQ23 –, mais do que centrarem-se em possibilidades de sítios concretos, o Fernando Salgado, a Inês Oliveira e o Luís Lemos preferiram indagar a própria condição de “ser raro”, ou o fenómeno de “tornar-se raro” (designadamente, os processos de subjetivação implicados na consideração, em si mesma, do “raro”). O Fernando equacionou a raridade como resultado de um estranhamento em relação a um lugar, assim tornado raro, ou de auto-estranhamento por parte de quem percebe esse lugar (processo no qual os lugares nos devolvem uma percepção, ou *reflexão*, de nós próprios). A Inês construiu uma perspetiva feminista sobre a raridade, identificando-a com lugares de segurança – possibilidade na base da proposta de introduzir um conjunto de dispositivos escultóricos no espaço público. O Luís Lemos inventou um aparelho que, num processo inverso ao das Polaroids, garante que a imagem de um lugar, depois de captada, se apaga num curto espaço de tempo: uma “des-revelação” semelhante à deslocação das coisas para o âmbito da memória.

Foi com regozijo que verifiquei que aquilo que xs alunxs (ou algumxs alunxs) aprendem no curso de arquitetura (aprender é construir-se a si mesmx) conduz a estas capacidades.